

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## OS ARTEFACTOS PRÉ-HISTÓRICOS DE ÂMBAR E A SUA DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1966 | Número: 76

---

### Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Os Artefactos pré-históricos de âmbar e a sua distribuição em Portugal. *Revista de Guimarães*, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 61-66.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Os artefactos pré-históricos de âmbar e sua distribuição em Portugal

Por O. DA VEIGA FERREIRA.

Dos Serv. Geol. de Portugal. Bolseiro do I. A. C.

---

Como sucedeu noutros trabalhos já por nós publicados sobre artefactos de adorno encontrados no país e pertencentes a culturas que se podem situar entre o Neolítico e o Calcolítico (1), apresentamos agora uma pequena nota sobre os raros objectos de adorno de âmbar encontrados em antigas jazidas pré-históricas portuguesas.

O âmbar é uma substância mineral de aspecto resinoso (2), constituindo, por assim dizer, uma resina fóssil.

Quer seja opaco ou translúcido, como o são diversas resinas, varia muito de cor apresentando-se, por vezes, ora com tons amarelados e avermelhados, ora mais escuros como o castanho. Às vezes apresenta uma bela cor amarela, clara translúcida, sendo este o mais raro. Este âmbar, também chamado *alambre*, é um resíduo fóssil, duro mas frágil, quase transparente, e que pode variar de cor entre o amarelo pálido e o vermelho jacinto; insolúvel na água, funde a 287°, ardendo com chama clara espalhando um cheiro muito agradável. Encontra-se, em especial, nas camadas glauconiosas oligocénicas de Sam-

---

(1) O. da Veiga Ferreira, «Os artefactos pré-históricos de calaite e sua distribuição em Portugal», Lisboa, 1951, *Arqueologia e História*, Publ. Ass. Arq. Portugueses, vol. V, p. 85-93, 1 fig.; «Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos», Porto, 1953, *Anais da Fac. de Ciências do Porto*, t. XXXVII; «Acerca da presença de *Purpura hæmastoma* e *Purpura lapillus*, Lin., nas estações pré-históricas portuguesas», Guimarães, 1958, *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, n.ºs 3-4; «Manifestações de arte no mobiliário funerário do Eneolítico de Portugal», Guimarães, 1962, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXII.

(2) Estácio da Veiga, Lisboa, 1889, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, vol. III, p. 167 (em nota); *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s. v. «Âmbar», p. 299-300.

land, perto de Königsberg (Prússia Oriental). Este âmbar que provém de um pinheiro terciário, o *Pinus succinifer*, tem fornecido aos paleontologistas mais de 2000 espécies de insectos fósseis. O *alambre* pode ser trabalhado ao torno e serve, entre outras aplicações, para a preparação de vernizes. É também empregado para o fabrico de tubos de cachimbos e castões de bengalas.

Algumas variedades de âmbar são solúveis no álcool, no éter, na aguarrás ou essência de terebentina e ainda no sulfureto de carbono, na acetona, etc.

Pertence, portanto, geologicamente, a terrenos sedimentares supondo-se, por isso, resultante da destilação de árvores da família das grandes coníferas, sobretudo do género *Pinus*.

Tanto no Oriente como na Europa é conhecido e utilizado desde tempos remotos.

Na Europa abunda na margem esquerda do Báltico, principalmente um pouco para o Norte e Noroeste da Prússia, entre Dantzig e Memel, assim como noutros pontos das costas daquele mar, sendo muito provável que em tempos remotos fosse ainda mais abundante, ou que possa existir em lugares ainda não explorados.

Em Portugal o âmbar fóssil é conhecido em nódulos no Jurássico e no Cretácico, possuindo os Serviços Geológicos de Portugal, nas suas colecções, uma amostra de um belo âmbar proveniente de Algueirão. (1)

Na pré-história foi o âmbar muito empregado na confecção de objectos de adorno, em especial o *alambre*, por ser o mais belo e mais fácil de trabalhar, ao mesmo tempo que apresenta mais consistência e homogeneidade. Nas civilizações do Norte, desde a Alemanha à Dinamarca, à Grã-Bretanha, à Suécia, à Noruega (2) e até mesmo no Norte de Itália, teve o âmbar larga aplicação a partir do Neolítico e foi empregado principalmente na confecção de contas de colar, pingentes, etc. Tácito diz

---

(1) Segundo informação do nosso amigo e ilustre geólogo Doutor Georges Zbyszewski, existem nódulos de âmbar nas formações mesozóicas do litoral, a norte da Praia de Santa Cruz, na escarpa do mar.

(2) Diz J. Leite de Vasconcellos que quem visita os museus do Norte da Europa pasma da quantidade de objectos pré-históricos de âmbar que existem nas suas colecções. *Religiões da Lusitânia*, vol. II, p. 53, Lisboa, 1906.

que o âmbar vinha em especial do Norte da Germânia, do que pode inferir-se que na Antiguidade as jazidas do Norte da Prússia forneciam âmbar e que, por conseguinte, desde os tempos pré-históricos existia já um sistema de trocas e transacções com matérias raras e caras entre aqueles países e as populações do Báltico.

Ainda a respeito do âmbar, informa Leite de Vasconcellos (1) que na Escócia, no Museu da Sociedade Arqueológica, se expõem grãos de âmbar que, segundo a crença popular, livravam da cegueira. (2)

Na vizinha Espanha foi, sobretudo em Los Millares, no Sudeste, que se encontraram os objectos de adorno feitos de âmbar. Assim Georg e Vera Leisner citam-no no túmulo n.º 7 — três contas sem indicação de forma; no túmulo n.º 12 — uma grande conta bicónica com as arestas arredondadas, uma conta pequena em forma de cilindro, um pequeno e delgado disco, restos de um outro cilindro e por fim uma conta piriforme; no túmulo 63 — um disco; no túmulo 74 — um pedaço sem forma; em Lhano de la Veja, no túmulo n.º 18 — um pedaço sem forma definida (3).

No nosso País os objectos de âmbar são de grande raridade; assim, nas consultas que fizemos em museus, na bibliografia ou ainda a investigadores, recolhemos apenas o seguinte:

- Uma conta de colar, pequena, de âmbar castanho, pouco translúcido, frágil e mal conservada, que foi encontrada numa sepultura (4) com cerâmica da cultura do vaso campaniforme, associada a anéis de ouro em espiral e a um botão de marfim

(1) J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, vol. I, p. 88, Lisboa, 1897.

(2) Simpson (citado por J. Leite de Vasconcellos), *Notes on some Scottish magical charm-stones, etc.*, Edimburgo, 1863.

(3) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1943, Est. 11, n.º 17 a, b, c, d, e, Est. 24, n.º 11, Est. 46, n.º 17.

(4) Olga Álvares Pereira de Mello (Cadaval), V. Fortuna, J. Camarate França, O. da Veiga Ferreira e J. Roche, «O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, vol. XLV, Lisboa, 1961.

- com a forma antropomórfica da classificação n.º 4, de Roche e Veiga (1).
- Cinco pingentes encontrados num grande monumento da cultura megalítica alentejana, na Anta da Comenda da Igreja (2).
  - Uma conta que G. e Vera Leisner não chegaram a ver e que foi encontrada no jazigo de Alcarapinha (possível anta destruída) (3).
  - Oito contas e metade de outra, sendo uma delas piriforme (como a encontrada por L. Siret em Los Millares, mencionada acima), numa *tholos* de tipo almeriense explorada por A. Viana no Barranco da Nora Velha, Senhora da Cola, Ourique. (4)
  - Cinco fragmentos de pingentes de âmbar escuro provenientes do monumento n.º 3 de Alcalar (de tipo almeriense).
  - Uma conta circular de âmbar escuro encontrada no monumento n.º 4 de Alcalar (também numa *tholos* de tipo almeriense). (5)

Até à data é somente nestas estações pré-históricas portuguesas que se encontrou o âmbar, como objecto de adorno. Leite de Vasconcellos diz que os objectos de marfim e de âmbar do Sul do país (Algarve) encontrados em estações pré-romanas podem ser de origem fenícia,

---

(1) J. ROCHE e O. DA VEIGA FERREIRA, «Révision des boutons perforés en V de l'énéolithique portugais», *L'Anthropologie*, t. 65, n.ºs 1-2, Paris, 1961. Aproveitamos a ocasião para rectificar um lapso neste trabalho. O botão de marfim da Bela Vista não tem a forma de tartaruga, como então escrevemos, mas sim a forma antropomórfica.

(2) Georg e Vera Leisner, «Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel, Berlin, 1959, Est. 27.

(3) Abel Viana, «Contribuição para a arqueologia da região de Elvas», *Trab. de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1950, vol. XII, fasc. 3-4.

(4) Abel Viana, «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, Beja, 1959, vol. XVI, pág. 24 ss.

(5) Estácio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, Lisboa, 1889, vol. III, p. 167 e 217, Est. VII.

G. e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel*, Berlin, 1943, Est. n.º 79 n.º 40.

mas supomos não ser exacto, pois, muito antes, em plena civilização de Alcalar, ramo da grande civilização almeiriense, o marfim e o âmbar tinham já entrado na confecção de artefactos de adorno e de carácter religioso. É evi-

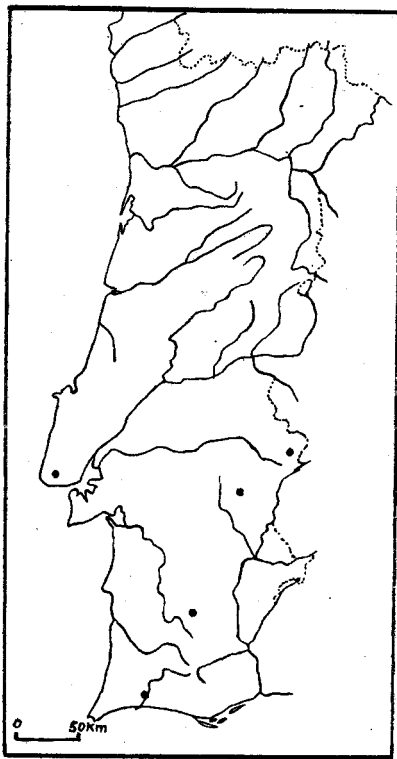


Fig. 1 — *Esboço da distribuição dos artefactos de âmbar em Portugal.*

dente que em plena Idade do Ferro, os Fenícios, que mantinham grande hegemonia nos mares, iam até às margens do Báltico e Mar do Norte buscá-lo para o seu comércio, mas o que também parece ser certo é que muito antes, à volta dos 2000 anos antes de Cristo, já outros povos do Sul da Península Ibérica mantinham grandes relações, pelo menos com os povos do Mediterrâneo e Norte de África, e, possivelmente, com os do Norte da Europa. Cite-se, por exemplo, o comércio do

ouro, da prata, do cobre, do estanho, do marfim, das calaites, do âmbar, assim como a introdução de sementes exóticas, como o trigo e a cevada. (1)

Voltando ao âmbar, é conhecido este produto existente no estado fóssil e natural em Portugal, mas estamos convencidos de que o empregado durante a Pré-história seria o das margens do Báltico, especialmente pelas qualidades e características acima apontadas. Parece corroborarem esta hipótese as observações de Siret, (2) o grande descobridor e explorador da civilização almeriense, que mandou fazer uma análise de um dos objectos de âmbar encontrados num dos túmulos de Almeria. A análise, segundo as palavras de Siret, é a seguinte: «l'analyse y constate 2% d'acide succinique ce qui prouve son origine baltique, d'après les spécialistes». Isto vem reforçar, como acima dissemos, a nossa convicção de que, no respeitante ao âmbar das estações pré-históricas portuguesas, a sua raridade deve estar relacionada também com a pouca abundância da matéria-prima no país, ou então com a sua longínqua origem, na hipótese de ele vir justamente das margens do mar Báltico ou de regiões próximas.

O âmbar fóssil português do Mesozóico, pelas amostras que tivemos a oportunidade de estudar, parece-nos muito quebradiço, vidrado, e não tem a maleabilidade e homogeneidade do âmbar do Terciário do Norte europeu, segundo a informação de Vera Leisner, que teve na mão as peças encontradas em Los Millares por L. Siret.

Aqui deixamos, nesta modesta nota, o que pudemos coligir sobre essa matéria rara empregada nos artefactos de adorno da antiguidade pré-histórica (3).

---

(1) O. da Veiga Ferreira, «Os artefactos pré-históricos de calaite...» *op. cit.* Acerca da presença de arsénio nos instrumentos primitivos encontrados em Portugal, *Bol. de Minas*, n.º 12, Lisboa, 1961. Vide também bibliografia sobre sementes pré-históricas na Península Ibérica.

(2) L. Siret, *Questions de Chronologie et d'Etnographie ibériques*, Paris, 1913, t. 1, p. 39.

(3) Agradecemos à ilustre investigadora e companheira de tantos trabalhos arqueológicos, Ex.<sup>ma</sup> Senhora Doutora Dona Vera Leisner, todos os elementos e informes que nos facultou com o maior espírito de colaboração e amizade, sem os quais muito difícil nos seria levar a cabo esta singela nota sobre os artefactos pré-históricos de âmbar.